

Walcyr Carrasco

Daniel

NO MUNDO DO SILENCIO

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2023 - Objeto 3
Código da coleção:
0891 P23 03 02 000 000



GUÁ

Ilustrações de Ana Matsusaki

Walcyr Carrasco

Daniel NO MUNDO DO SILENCIO

ilustrações de Ana Matsusaki

1^a edição, 2021

LIVRO DO PROFESSOR



© WALCYR CARRASCO, 2021

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maristela Petrili de Almeida Leite

EDIÇÃO DE TEXTO Marília Mendes

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DE ARTE Camila Fiorenza

PROJETO GRÁFICO Tereza Bettinardi

DIAGRAMAÇÃO Michele Figueiredo

ILUSTRAÇÃO DE CAPA E MIOLO Ana Matsusaki

ASSESSORIA PEDAGÓGICA: Beatriz Assunção Baeta

COORDENAÇÃO DE REVISÃO Elaine Cristina del Nero

REVISÃO Palavra Certa, Nair Hitomi Kayo

COORDENAÇÃO DE BUREAU Rubens M. Rodrigues

PRÉ-IMPRESSÃO Alexandre Petreca, Márcio H. Kamoto

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL Wendell Jim C. Monteiro

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carrasco, Walcyr

Daniel no mundo do silêncio : livro do professor /
Walcyr Carrasco ; ilustrações de Ana Matsusaki. – 1. ed. –
Guarulhos, SP : Editora Pitanguá, 2021.

ISBN 978-65-89993-06-3

1. Literatura infantojuvenil I. Matsusaki, Ana.
II. Título.

21-79812

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORIA PITANGUÁ LTDA.

Av. Papa João Paulo I, 2258 – galpão 1 Papa – sala 01
Vila Aeroporto – Guarulhos – SP – CEP 07170-350

Impresso no Brasil
2021



DE ACORDO COM AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS



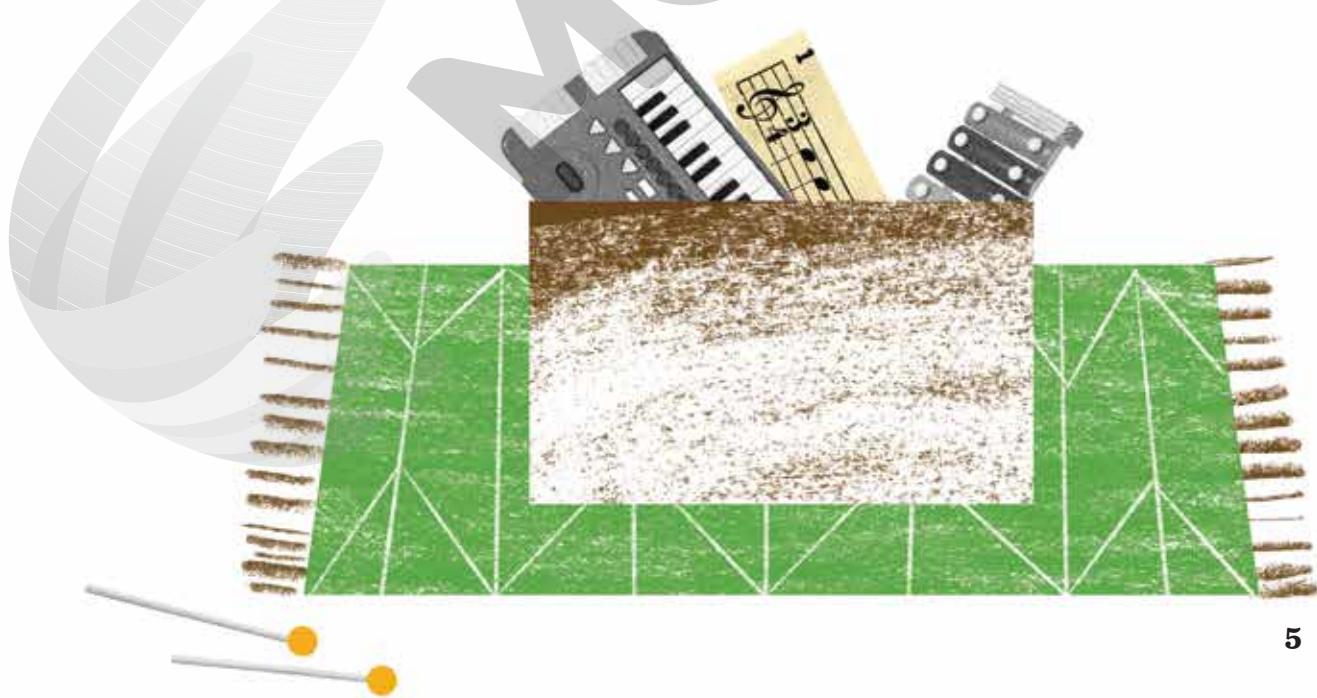


O mundo de Daniel começou a ficar silencioso quando ele tinha 7 anos. Isso aconteceu por causa de uma infecção que afetou sua capacidade de ouvir. Ele passou a ter dificuldade em entender o que era dito pelos pais. Os sons chegavam entrecortados e distantes. Mais tarde, cessaram completamente. O médico explicou que Daniel ficara surdo. Desde então, ele aprendeu a entender os gestos de seus pais, João e Manuela.

Seu irmão, Nicolau, era quatro anos mais novo. No começo, não entendeu direito o que acontecia com o irmão. Daniel não reagia quando alguém chamava seu nome. Também parecia que as sombras e luzes que entravam pelas janelas da casa à noite o assustavam mais do que o barulho de trovões.

— Seu irmão não consegue mais nos ouvir — explicou a mãe.

Então Nicolau entendeu que, assim como os pais, precisava usar gestos para se comunicar com o irmão.



Logo João e Manuela notaram que Daniel também tinha uma habilidade nova: mesmo sem ouvir, era capaz de compreender um pouco quando observava o movimento dos lábios de quem falava. E gesticulava em resposta.

O médico explicara que aquilo acontecia por uma razão muito simples: Daniel havia escutado a língua portuguesa antes de perder a audição. Ele também dissera que nem todas as pessoas com deficiência auditiva conseguem fazer isso, já que muitas crianças nascem assim ou desenvolvem a surdez antes de começar a falar.

Daniel foi crescendo em um mundo silencioso, mas conseguia se entender com toda a família.





João fez de tudo para ajudar o filho. Procurou uma escola para deficientes auditivos. Lá, além de aprender todas as matérias da escola, Daniel aprendeu a se expressar em Libras, a língua de sinais usada no Brasil. Algum tempo depois, já mexia os dedos rapidamente para se comunicar. A família também se dedicou a aprender aquela nova língua.

Na escola, ele conviveu com outros surdos e fez muitos amigos. Era incrível ver como Daniel conversava usando a língua de sinais, utilizando os dedos, os movimentos das mãos e as expressões do rosto.





A família de Daniel não era rica. Logo depois que ele perdeu a audição, a mãe passou alguns anos sem trabalhar para cuidar do menino. No período anterior à perda da audição, em que ele esteve doente, eram frequentes as idas ao médico. A escola especial era gratuita, mantida por uma organização sem fins lucrativos. Mas era preciso levá-lo, esperar e trazê-lo de volta para casa. Isso tomava todo o tempo da mãe. A família passou um período de bastante dificuldade. Quando Daniel tinha 10 anos, Manuela veio com uma novidade:



— Falei com a dona da loja em que eu trabalhava. Ela está abrindo uma filial no *shopping*!

Era uma proposta ideal. Manuela seria gerente da nova loja. Já conhecia a patroa, que gostava do seu trabalho. A situação financeira da família ia melhorar, e muito! Mas não foi só a proposta de emprego que fez os pais mudarem de vida...





João e Manuela decidiram matricular Daniel numa escola comum, onde Nicolau já estudava, para que ele convivesse com outras crianças que não fossem deficientes auditivas, além de ficar mais próximo do irmão mais novo, claro. De manhã, Daniel frequentaria a nova escola. À tarde, iria para a escola especial, onde poderia praticar Libras com todos e exercitar o português escrito.

— Meu filho, você precisa quebrar a casca do ovo! Está indo muito bem na escola, mas achamos que já pode estudar no mesmo colégio que seu irmão — disse João, usando Libras.

Daniel foi matriculado na nova escola, que, por sorte, não era longe da loja em que sua mãe trabalhava. Depois da aula, Daniel e Nicolau iam juntos até o *shopping*. Na hora do almoço, a mãe levaria Daniel até a escola especial. E, à tarde, voltaria para buscá-lo. O garoto adorou a ideia, mas a mudança não foi nada fácil.



No primeiro dia de aula, foi conduzido até sua classe pela coordenadora. Os outros alunos já estavam sentados. A professora, Estela, o recebeu com um sorriso e o apresentou à turma:

— Este ano temos um novo aluno, o Daniel. Ele precisa de um lugar para se sentar, bem na frente.

A professora indicou a primeira carteira da fila, no centro.

— Viviane, dê seu lugar para o Daniel.

A garota ficou vermelha de raiva.

— Mas eu sempre me sentei aqui, desde que entrei na escola!

Estela respondeu:

— O Daniel não ouve. Precisa se sentar bem na frente para ler meus lábios e acompanhar a aula.



Irritada, Viviane pegou a mochila. Olhou em volta. A professora apontou uma carteira vazia no fundo.

— Lá tem lugar.

Resmungando, Viviane sentou-se no fundo da sala. Daniel não entendeu muito bem as palavras que ambas trocaram tão rapidamente. Era muito difícil entender as pessoas que ainda não conhecia, quando não usavam a língua de sinais. Sem saber, tinha feito uma inimiga!

Quando percebeu que tinha que se sentar bem na frente, ficou constrangido. Parecia que todos estavam olhando para ele.



No intervalo, Viviane comentou com os colegas:

— Ele devia estudar em escola para surdos!

Os outros concordaram. O garoto era um estranho no ninho. Não ouvia. E, quando tentava falar, só fazia uns sons esquisitos. Com o tempo, não sabia mais pronunciar as palavras que aprendera quando pequeno.

Mas, se todos estranhavam a presença de Daniel, ele estranhava aquele lugar mais ainda. Ali não conseguia comunicar-se com ninguém. Tentou conversar com um colega que se sentou ao seu lado no recreio. Quando fez os sinais, o garoto caiu na gargalhada.

Pior ainda era a dificuldade que tinha para acompanhar as aulas! Era muito difícil ler os lábios da professora. Percebia que os colegas, sentados às suas costas, faziam perguntas. Mas ele não ouvia. Quando a professora respondia, Daniel muitas vezes não entendia do que se tratava.





Nos primeiros dias, aprendeu a se comunicar misturando os sinais com mímica. Mas os colegas ficavam impacientes. Só conseguia dizer algumas coisas. Nas aulas, escrevia as perguntas num caderno.

Daniel sempre esperava Nicolau na saída da escola. Atravessavam a rua juntos e iam encontrar a mãe no *shopping*. Daniel explicou a Nicolau que ninguém conseguia entender o que ele queria dizer.

— Puxa, todo mundo devia saber a língua de sinais! — disse Nicolau, fazendo gestos com as mãos.

— Nem entendo direito o que a professora diz! Ela acha que eu consigo entender quando olho para os lábios dela se mexendo — respondeu Daniel, com vontade de chorar.

Nicolau ficou triste. Para ele o irmão sempre fora muito esperto e inteligente. Será que agora Daniel ia perder a alegria para sempre?

Naquele dia, Nicolau começou a imaginar como seria se o irmão também não entendesse o que ele dizia. Como brincariam juntos? Como ele ia saber das coisas legais que Daniel sempre tinha para contar? Sentiu-se feliz por entender o que o irmão dizia e orgulhoso por conseguir conversar com ele usando as mãos.



LEITURA LABIAL

Mas Daniel estava exausto. Prestava atenção, horas seguidas, nos lábios da professora. Mesmo assim, não entendia quase nada do que ela dizia. Pelo menos ele havia aprendido a ler e a escrever em português na escola para deficientes auditivos, e isso o ajudava a acompanhar as matérias. Também era cansativo tentar se aproximar dos novos colegas. Parecia que ninguém queria ser seu amigo. E Viviane iniciara uma guerra contra ele.

Ela era uma garota mimada, que sempre tivera de tudo. As bonecas mais lindas, vestidos, *videogames*. Até um estojinho de maquiagem ganhara da mãe! E, como toda pessoa mimada, não suportava perder. Para Viviane, a troca de lugar na sala de aula era uma humilhação. Sentada no fundo, muitas vezes tinha de erguer o pescoço para ler o que a professora Estela escrevia no quadro ou para acompanhar algum detalhe da aula. E colocava a culpa desse desconforto em Daniel.

— De tanto esticar o pescoço, vou ficar igual a uma girafa! Tudo por causa do Daniel — resmungava. Para ela, o menino não passava de um intruso.







Por não gostar de Daniel, uma das coisas preferidas de Viviane era chamá-lo dos nomes mais horríveis pelas costas. Daniel não ouvia, é claro.

Parece bobagem, mas a turma se divertia. Riam porque o garoto não reagia. Igor era um dos poucos que não entravam na brincadeira. Uma vez, disse em voz alta:

— É covardia fazer piada de quem não pode se defender!

— Intrometido! — respondeu Viviane.

Daniel não ouvia. Mas podia ver os colegas rindo. Percebia que era dele. Não entendia o motivo e se magoava. Tentava perguntar com sinais o que estava acontecendo. Só recebia risadas como resposta.

Quando a professora se virava para escrever no quadro, alguns alunos jogavam bolinhas de papel nele. Às vezes os olhos de Daniel se enchiam de lágrimas. Ele se sentia triste e humilhado.

Não deu outra: Daniel passou a ir muito mal nas avaliações.

A coordenadora chamou os pais do menino para conversar.

— Ele está tendo problemas de adaptação.

A mãe ficou preocupada.

— Mas o Daniel sempre se deu tão bem com todo mundo!

— Eu soube que ele tem tido dificuldade até para fazer amigos — comentou a coordenadora.

Era verdade. Daniel sempre fora um garoto alegre, sorridente. Diante da caçoada de Viviane e sua turma, tornou-se tímido.

Mas o pior era que Daniel tinha um segredo. Achava Viviane linda como um anjo! Queria muito ser amigo dela. E não entendia por que a menina estava sempre contra ele.

A vida de Daniel se tornou muito triste. Só gostava das aulas na escola especial, que frequentava à tarde. Lá também fazia um curso de dança. Sim, dança! Daniel sentia as vibrações da música. Era capaz de dançar num ritmo perfeito.

Mas todas as manhãs sentia os pés pesados ao ir para a escola comum. “Por que ninguém gosta de mim?”, se perguntava.

Daniel perdeu a vontade de estudar. Via os colegas rindo, se divertindo. Mas estava sempre de fora.



Nem acreditou quando Igor o convidou para a sua festa de aniversário. O colega morava numa casa com quintal muito grande. Sua mãe fez questão de chamar a turma toda. Daniel chegou cedo. Nunca tinha ido a uma festa tão bonita. Tinha até um carrinho de cachorro-quente. Era só fazer um sinal para pedir um sanduíche. Havia uma mesa cheia de refrigerantes. E o som estava incrível, pelo que sentia das vibrações!

Mas Daniel achava que ninguém queria fazer amizade. Foi para um canto. Ficou sozinho. Alguns garotos e garotas dançavam. Sem pensar, começou a bater os pés no ritmo da música.

Viviane chegou, vestida de cor-de-rosa e com os cabelos bem arrumados. Daniel a olhou de longe. Parecia uma fada de tão bonita... De repente, teve uma surpresa. Viviane vinha em sua direção. De cara amarrada, mas vinha!

Mas não vinha por vontade própria. A mãe do aniversariante empurrara a garota:

— Vai dançar com o Daniel, Vivi. Ele está muito sozinho!

Viviane quase disse não. Mas não queria fazer feio.

Chegou resmungando em voz baixa:

— Que absurdo! Surdo não ouve! Como é que vai dançar?

Aproximou-se de Daniel e perguntou:

— Quer dançar?







Daniel não só entendeu como fez que sim, vermelho até a raiz dos cabelos! E os dois começaram a dançar. Surpresa, Viviane descobriu que ele dançava muito bem. Entrou no ritmo, empolgada. Durante várias músicas, até se esqueceu da birra que tinha por Daniel.

Logo depois, um grupo de amigas dela chegou. As garotas fizeram piada:

— Ih, Vivi, está dançando com o surdinho?

— Fui obrigada!

Daniel não ouviu. Se tivesse ouvido, ficaria muito magoado. Viviane se afastou. Nem olhou para ele o resto da festa. Daniel não teve mais companhia para dançar. Ficou longe na hora dos parabéns. Mal comeu um pedaço de bolo.

Sem que ele soubesse, nos dias seguintes, os colegas falavam muito a seu respeito. Estavam surpresos porque ele conseguia dançar. Viviane era a mais espantada:

— Como ele pode dançar tão bem?

Estela explicou sobre as vibrações que os surdos podem sentir. Mesmo assim, Viviane se admirava:

— Tem tanto garoto com ouvido bom que não consegue dançar!

Mas Viviane não quis dar o braço a torcer. Depois que dançaram juntos, Daniel tentou fazer amizade. Ela nem quis saber. E cada vez mais o garoto se sentia excluído pelos colegas. “Será que nunca vou ter amigos aqui na escola? Por que tenho de ser assim, diferente?”, pensava.

A vida continuou do mesmo jeito por meses. Até que, certa semana, Nicolau teve uma gripe forte. Ficou de cama e não pôde ir à escola. Daniel ia sozinho até a loja onde a mãe trabalhava. Durante dois dias, tudo correu perfeitamente. Mas, no terceiro dia, aconteceu algo inesperado.



Quando Viviane saiu pelo portão, viu Daniel se aproximar da faixa de pedestres. Estava bem tranquilo. O sinal abriu e ele pôs o pé na rua para atravessar. Nesse instante, um carro virou a esquina em disparada. Ao ver o garoto, o motorista buzinou bem alto. Mas Daniel não ouviu.

— Cuidado! Não está ouvindo a buzina, seu bobo?! — gritou Viviane.

Daniel deu mais um passo e, de repente, percebeu o movimento do carro em sua direção. Ficou tão assustado que não conseguiu sair do lugar.

Nesse instante, Viviane entendeu o que é ser surdo. Daniel não ouvia as brincadeiras feitas pelas suas costas, assim como não ouvia a buzina do carro. Descobriu que não adiantava gritar para avisar o colega.





Tudo aconteceu num segundo. Sem pensar, Viviane correu até ele e o puxou pelo braço. Daniel caiu sentado, e Viviane foi junto pro chão. Bem a tempo! O carro passou voando diante dos dois.

Paralisado de susto, Daniel ficou olhando para o carro, dirigido por algum motorista irresponsável. Viviane olhou bem nos olhos dele e disse:

— Eu posso ir com você?



Eles se levantaram, olharam para os dois lados e atravessaram juntos a rua. Daniel ainda tremia quando chegou ao *shopping*. Contou tudo para a mãe, que o abraçou fortemente.

— Ainda bem que essa menina apareceu!

Em casa, Viviane também recebeu um abraço da mãe.

— Você foi muito esperta, minha filha!

Mais tarde, Manuela apareceu com Daniel. E trouxe bombons.

— Você salvou a vida do meu filho, Viviane.

Sem jeito, a menina recebeu o presente. E ficou mais sem jeito ainda diante do sorriso de Daniel. Ele mexeu as mãos e disse, na língua de sinais:

OBRIGADO



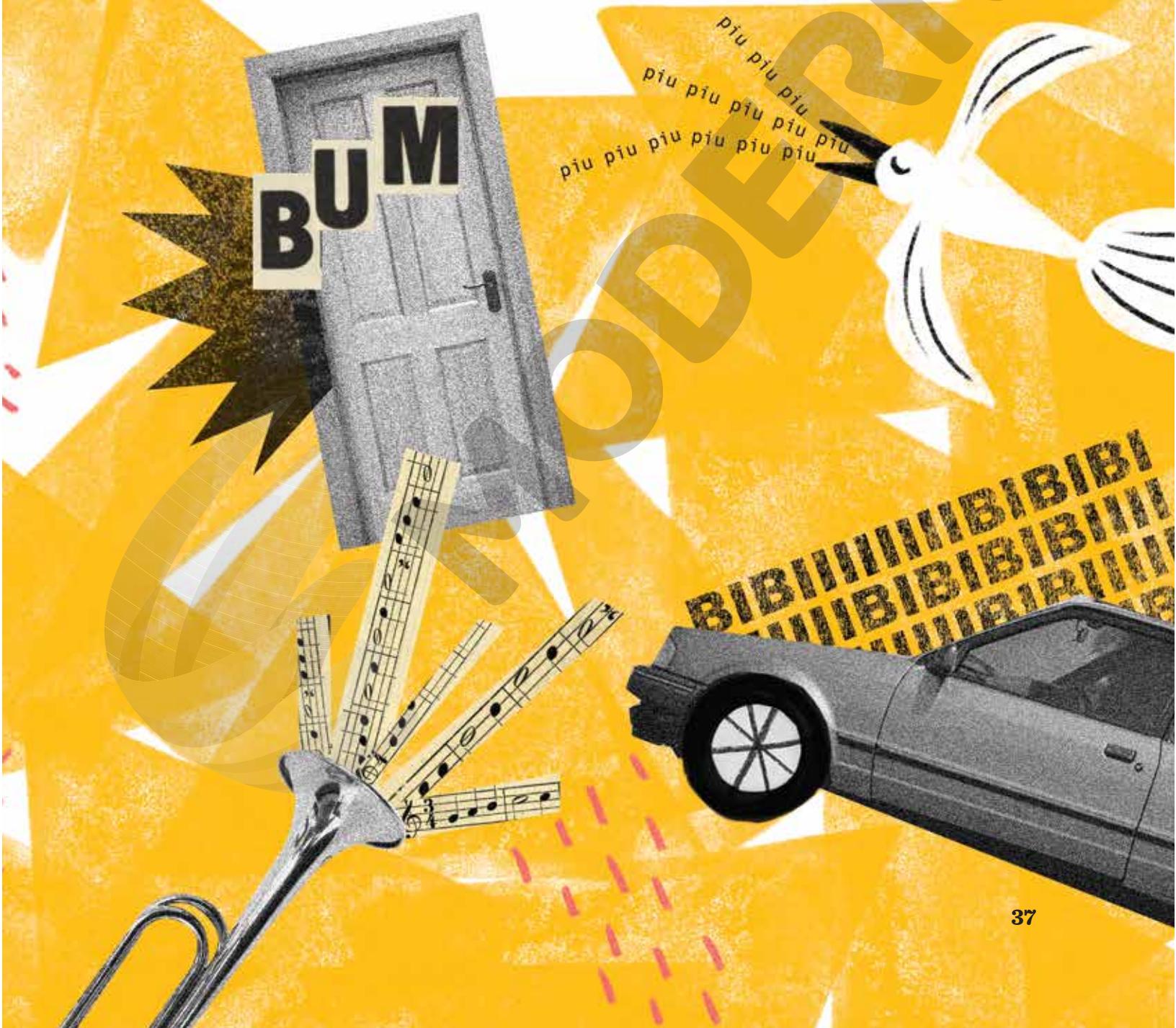
Foi a primeira vez que Viviane sorriu para Daniel.

Quando ele foi embora, a menina ficou pensando: “Como é viver sem ouvir?”. Foi para o quarto, tapou os ouvidos. Mesmo assim, ouvia o som dos carros na rua. Uma porta batendo. Escondeu a cabeça debaixo do travesseiro. O mundo ficou silencioso.

“Então é assim, o tempo todo?”.

Era uma sensação diferente. Até então, Viviane só pensara nos próprios sentimentos. Agora, pensava nos de Daniel.

“Eu só sabia caçoar dele, fazer piada! Já pensou se eu tivesse feito isso na hora da buzina?”. E tentava entender: “Como será que é ser como ele? Que história é essa de conversar com as mãos?”.



No dia seguinte, para surpresa de todos, Viviane tirou um chocolate da mochila. Ofereceu a Daniel.

— Quer?

Daniel sorriu, fez que sim. Então, para surpresa maior ainda, ela pediu, falando bem devagar e fazendo gestos:

— Me ensina a dizer chocolate com os dedos?

Daniel ficou vermelho de felicidade. Mexeu a mão e fez:



Viviane imitou o gesto. Daniel corrigiu. De repente, ela estava rindo. Mas não de caçoada, só de alegria. Pela primeira vez, os colegas descobriram que aprender a falar com as mãos podia ser divertido. E pediram para Daniel ensinar outras palavras.



Percebendo a aproximação dos colegas, Daniel começou a se sentir parte da turma.

Mas ainda havia um problema: por mais que os colegas falassem devagar, era muito difícil para Daniel acompanhar o que eles e a professora diziam. Percebendo isso, um dia Viviane resolveu falar com Daniel no fim da aula. Ele já estava ao lado de Nicolau, indo em direção à saída.

— Daniel, mesmo a gente falando devagar você não entende direito, né? Parece que você entende mais quando fazemos sinais... — disse Viviane, usando a voz e um pouco de mímica.

O menino tinha uma expressão confusa no rosto. Não entendeu o que Viviane disse. Nicolau falou para Viviane:

— Vivi... o Daniel fala com as mãos e ouve com os olhos, sabia? Mesmo se a gente mexer a boca bem devagar, ele tem dificuldades. Você é crescida como o Daniel e está na sala dele. E se você aprendesse também a língua de sinais e ensinasse pra todo mundo aqui na escola?





Viviane teve uma ideia. Conversou com os pais, queria aprender Libras de verdade. Mas não era só isso:

— Mãe, e se o Daniel também tivesse um intérprete? Uma pessoa que explicasse a ele o que a turma toda e a professora dizem?

A mãe de Viviane era advogada e lembrou de uma coisa muito importante:

— É isso, Vivi! É lei no Brasil: na escola regular, todo deficiente auditivo tem direito a um tradutor e intérprete em Libras. Podemos falar com os pais de Daniel e com a escola.

Não foi difícil convencer a diretoria. A professora Estela também apoiou a mudança. Depois de alguns meses, a escola tinha um intérprete de Libras para acompanhar Daniel durante as aulas.



Aos poucos, Daniel venceu as dificuldades. Começou a acompanhar a classe. Mas sua maior alegria era a atenção de Viviane. Ambos descobriram um jeito próprio de se comunicar, usando a língua de sinais e mímica combinadas. Às vezes não se entendiam e caíam na gargalhada. Outras, quando o assunto era complicado, Daniel explicava melhor escrevendo no caderno.

Nas festinhas, Viviane sempre dançava com Daniel. O pessoal até parava para admirar os dois.

— Eles dançam tão bem! — comentavam.



Viviane descobriu que Daniel também desenhava muito bem. E que é muito comum os surdos compensarem a falta da audição desenvolvendo outro sentido, como a visão. Um dia, ganhou de Daniel um lindo desenho de uma fada, que usou para enfeitar o seu quarto.

Daniel era bom em Matemática. Passava um tempão explicando a matéria para Viviane. Ela o ajudava nas aulas de Português, porque ele se confundia com o jeito de escrever algumas palavras.





IMAGEM REFLETIDA NA TELA DO NOTEBOOK: PIXABAY

O tempo passou depressa e logo chegou a festa de formatura do quinto ano. Todos os pais e alunos estavam presentes.

Antes de sair de casa, Daniel se trancou no quarto. Queria escrever alguma coisa bonita para Viviane. Mas não conseguia! Rasgou o papel diversas vezes. Nicolau abriu a porta, falou em Libras:

— Vamos, Daniel! O pai e a mãe estão esperando!

Daniel contou que queria escrever uma mensagem para Viviane. Nicolau gostava dela, porque tinha ajudado Daniel a ficar feliz de novo. Então disse, com as mãos:

— Escreva o que está no seu coração!

Daniel respirou fundo. Apertou os olhos e escreveu de uma vez só. Dobrou o papelzinho e guardou no bolso.



Era a primeira vez que Daniel usava gravata. Viviane estava linda, toda arrumada. Perguntou, usando sinais:

— Você vai dançar comigo, não vai, Daniel?

Ele fez que sim, contente. Como poderia dançar com outra garota? Então, pegou a mão de Viviane e colocou o bilhete nela. A menina sorriu, surpresa. Daniel fez um sinal que significava “leia depois”.

DEPOIS



Viviane fez que não com a cabeça. Estava curiosa!
O bilhete dizia:

Vivi, você é muito legal comigo! Você me salvou do carro, e sempre vou agradecer. Mas tem uma coisa muito importante também: eu não me sinto mais fora do mundo! Você me ajudou a quebrar a casca! Eu aprendi a voar.

Viviane se emocionou. Olhou bem de frente para Daniel. E disse, usando alguns sinais de Libras ao mesmo tempo que falava:

— Daniel, eu é que aprendi com você. Antes eu era uma lagarta. Vivia no meu casulo. Era boba e egoísta. Mas você me fez descobrir sentimentos. Virei uma borboleta!



Emocionada, completou:
— Eu é que tenho de agradecer. Você me ensinou a ser
uma grande...



Todos têm direito de aprender

Quando menino, convivi com um vizinho surdo. Era um garoto mais novo do que eu. Na época, no interior de São Paulo, não havia escolas especializadas. A dificuldade de comunicação era grande. A molecada brincava na rua. Mas ele quase nunca participava das brincadeiras. Às vezes, brincávamos de falar com ele por mímica e sempre nos divertíamos muito! Sua mãe era uma batalhadora: embora tivesse poucos recursos, fez todo o possível para ele ter uma educação como a de qualquer garoto.

Mais tarde, ele se tornou artista gráfico. Uma vez, já trabalhando, eu o encontrei com a mãe nos corredores de uma editora. Ela o acompanhava em busca de trabalhos, o apresentava e, aos poucos, ele conseguiu oportunidades. E assinou muitas capas de livros e histórias em quadrinhos.

Escrevi uma história inspirado no meu vizinho de infância. Mas também conversei com Faell, na época professor da rede pública. Fiquei contente ao descobrir a dedicação com a qual muitos professores acolhem a pessoa com deficiência.

Existe uma lei, aprovada em 2005, que exige a presença de um tradutor e intérprete de Libras em todas as instituições de ensino que tenham alunos com deficiência auditiva. Infelizmente, essa lei nem sempre é cumprida, e é muito comum estudantes surdos encontrarem as mesmas dificuldades que Daniel enfrentou na história.

Felizmente, muitos meninos e meninas já descobriram que ser amigo de uma pessoa com deficiência é enriquecedor. Não só para ele, mas também para quem se aproxima. É uma amizade que desperta novos sentimentos e faz bem ao coração.

Walcyr Carrasco

Autor e obra



ARQUIVO DO AUTOR

Escritor, dramaturgo e roteirista de televisão, Walcyr Carrasco nasceu em Bernardino de Campos (SP), em 1951, e foi criado em Marília. Decidiu ser escritor quando tinha 12 anos e se apaixonou pela obra de Monteiro Lobato. Depois de cursar Jornalismo na USP, trabalhou em redações de jornal, escrevendo textos para coluna social e até reportagem esportiva. É autor das peças de teatro *O terceiro beijo*, *Uma cama entre nós*, *Batom* e *Extase*.

Escreveu minisséries e novelas de sucesso, como *Xica da Silva*, *O Cravo e a Rosa*, *Chocolate com pimenta*, *Alma gêmea*, *Sete pecados*, *Caras & bocas*, *Morde & assopra*, *Amor à vida*, *Êta mundo bom!*, e também a adaptação para televisão de *Gabriela, cravo e canela*, romance de Jorge Amado.

Muitos de seus livros infantojuvenis já receberam a menção “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Entre as obras saídas de sua pena estão: *Quando meu irmãozinho nasceu*, *O selvagem*, *Camões x Tartarugas – A grande copa do mar*, *Cadê o super-herói?*, *Asas do Joel*, *Meu encontro com Papai Noel*. Também se dedica às traduções e adaptações.

A discussão de temas sociais importantes é uma das grandes características de suas obras.

Walcyr Carrasco recebeu os principais prêmios de suas áreas de atuação: o prêmio Shell de teatro pela peça *Extase*; o prêmio Emmy de televisão nos Estados Unidos; e também o prêmio Jabuti, o mais importante prêmio literário do Brasil, pela tradução e adaptação de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. É membro da Academia Paulista de Letras desde 2008, onde recebeu o título de Imortal.

Além dos livros, é apaixonado por bichos, por culinária e por artes plásticas.

Ilustradora



ARQUIVO DA ILUSTRADORA

Nascida em São Paulo, Ana Matsusaki se interessou desde cedo por tudo o que envolvia a palavra e a imagem. Apaixonada por literatura e artes gráficas, graduou-se na Escola de Belas Artes de São Paulo, em 2009, no curso de *Design Gráfico*. Passou por diversas agências de *design* antes de entrar no universo editorial, mantendo sempre em paralelo o trabalho como ilustradora *freelancer*. Realizou diversos projetos gráficos e atuou como diretora de arte em livros infantis e infantojuvenis para várias editoras. Em 2015, tornou-se ilustradora e *designer freelancer*; ao mesmo tempo, iniciou uma viagem ao redor do mundo. Criou um projeto itinerante de experimentações gráficas, ministra *workshops* e oficinas sobre ilustração. Seus trabalhos já foram publicados nas principais revistas e jornais do país.



Que história é essa?

Por Luciana Alvarez

Daniel é um garoto que perdeu a audição quando ainda era muito pequeno por causa de uma infecção. Aos poucos, ele e sua família aprenderam uma nova maneira de se comunicar, utilizando a língua de sinais. Em uma escola bilíngue de surdos, Daniel seguiu com os estudos e criou um círculo de amizades. Um dia, porém, seus pais decidiram que era hora de o garoto se lançar a um novo desafio e matricularam-no em uma escola regular. No começo, ele até ficou animado com a mudança, mas não esperava que o novo ambiente lhe reservasse tantos desafios.

Para contar direitinho o que aconteceu com Daniel até o momento em que ele conseguiu se sentir incluído na escola regular, o autor do livro usou um gênero chamado **novela**. No Brasil, as pessoas conhecem muito as novelas da televisão – e o autor deste livro, Walcyr Carrasco, já escreveu também várias delas. Mas, na literatura, as coisas são um pouco diferentes. Nos livros, chama-se novela uma história de tamanho médio. Ela é mais longa que um conto, mas não é assim tão longa quanto um romance, que são aqueles livros bem grossos, que o leitor precisa de vários dias de leitura para conseguir chegar ao final.

Uma novela pode ter vários personagens. Essa aqui incluiu, além de Daniel (o protagonista), sua mãe, seu irmão, alguns colegas de classe, a professora, entre outros. Embora caiba tanta gente na mesma história, a novela tem uma trama rápida, centrada na ação. Então, o autor não demora muito descrevendo os ambientes e os personagens. Mesmo sem saber cada detalhe das pessoas e dos lugares, todo mundo entende bem o que se passa.

Walcyr Carrasco nasceu em 1951 em Bernardino de Campos, interior do estado de São Paulo. Fez faculdade de comunicação e se tornou um escritor que trabalha com vários formatos: já escreveu reportagens e crônicas para revistas e jornais, foi autor de peças de teatro, criou novelas e minisséries para televisão. Só de livros infantojuvenis, como este, publicou mais de 30. Durante sua carreira, recebeu vários prêmios e foi escolhido para ser membro da Academia Paulista de Letras. Por isso, recebeu o título de Imortal! Sim, apesar de ele ser mortal como todos nós, suas obras foram consideradas tão boas que elas devem continuar a ser lidas para sempre.

E eu com isso?

Os estímulos sonoros estão tão presentes no nosso dia a dia que talvez seja difícil imaginar a vida em um mundo silencioso. Além da voz das pessoas nas conversas, o tempo todo ouvimos os ruídos da rua, da natureza e, é claro, das músicas. Mas como seria viver em absoluto silêncio?

A deficiência auditiva é um tema difícil, mas foi abordado com muita delicadeza por Walcyr Carrasco. Ele retrata Daniel como um menino inteligente, amado pela família, alguém que tem amigos, que gosta de dançar, que desenha muito bem. Sim, ele também é surdo, mas a surdez não o define. Ele é uma pessoa completa, como todos nós.

As ilustrações de Ana Matsusaki traduzem em imagens os movimentos manuais de algumas palavras em Libras, a Língua Brasileira de Sinais. Ela também fez os desenhos com as expressões faciais dos personagens bem marcadas. Pelas caras e bocas, podemos identificar os sentimentos, não é?! Isso prova que a comunicação pode acontecer de várias formas.

A história mostra ainda como é importante as escolas adotarem medidas sociais de inclusão. Não apenas para crianças como Daniel, que não ouvem, mas para acolher também estudantes com deficiência de natureza física, mental, intelectual ou sensorial. Será que sua escola está pronta para receber estudantes assim?

Além da questão da deficiência, o livro fala sobre preconceito, *bullying* e amizade. Depois de um começo difícil, a relação de Daniel com a colega de classe Viviane se torna uma amizade verdadeira. A menina passa por uma transformação no decorrer das páginas, de alguém que ignorava e zombava de Daniel a alguém que gosta dele do jeito que ele é. Ela se tornou uma pessoa melhor e ganhou um grande amigo. Daniel e Viviane nos mostraram que a inclusão traz benefícios para todos.

Viviane precisou passar por um grande susto, ver o colega quase ser atropelado, para sentir empatia por ele, ou seja, para se imaginar no lugar dele. Seria bom se todos pudessem sempre se colocar no lugar do outro, e olhar para além dos transtornos ou deficiências, sem precisar passar por nenhum acidente.